

VISÃO DO CORREIO

O relógio da natureza corre contra todos

Os números estampados nos termômetros pela Europa afora, neste que se apresenta como o verão mais quente nos registros históricos do Velho Mundo, deveriam ser suficientes. *Rio, 40 graus*, clássico do Cinema Novo brasileiro, já pode ser refilmado em Londres, Paris ou Berlim, e não é mais apenas Jorge Benjor que mora “num país tropical”. Mas o que era bênção na letra do compositor cai sobre a humanidade como maldição. Ainda assim, os repetidos sinais de alerta emitidos pela natureza parecem não ter sido ainda suficientes para impulsionar uma ação global e coordenada — com urgência — para mitigar o ritmo alucinante e os impactos já indissfarçáveis do aquecimento do planeta e da mudança do clima. A catástrofe da semana passada na fronteira do Nepal com o Tibete chinês produziu cenas que ofuscam os efeitos especiais do cinema apocalíptico. O desprendimento de um bloco imenso e maciço de uma geleira souo como um grito de socorro da Cordilheira do Himalaia. A terra dos lamas budistas e de outros místicos, que evoca a imagem mítica e utópica do Shangri-lá, derrete a olhos vistos, como relatam alpinistas em reportagem publicada ontem pelo **Correio**. Entre a urgência desesperada de resgatar possíveis sobreviventes sob o tsunami de lama e atender milhares de atingidos pela avalanche seguida de enchentes, as autoridades nepalesas voltaram a colocar o dedo em uma ferida exposta da crise ambiental: as primeiras vítimas dos fenômenos mais extremos associados a ela são países com participação mínima nas emissões de gases que aceleram o aquecimento global. Mais

grave: muitos deles têm recursos escassos para fazer frente às consequências, situação exatamente oposta à dos principais emissores, potências industriais desenvolvidas. É o caso, por exemplo, das pequenas ilhas do Pacífico, algumas delas identificadas pelos cientistas como destinadas a, possivelmente, submergirem pela elevação do nível dos oceanos. Sobre ela, por sinal, testemunham as repetidas ocorrências de desprendimento de vastos icebergs, sobretudo das geleiras da Antártida. Desde o Protocolo de Kyoto, firmado no início do século, sucedem-se esforços para concatenar medidas capazes de ao menos conter a disparada dos termômetros mundo afora. A mais recente foi o Acordo de Paris, de 2015, ainda considerado insuficiente por muitos estudiosos. Mesmo assim, por duas vezes o principal emissor de gases-estufa retirou-se do tratado, ambas as vezes pela caneta de Donald Trump, irredutível na negação de uma realidade que se impõe à custa de danos materiais e perdas humanas em escala exponencial — mas não nos EUA. A primeira conferência da ONU sobre o meio ambiente data de 1972, em Estocolmo. Teve como desdobramento a histórica Rio-92. Passadas mais de três décadas desde então, pouco foi feito, muito menos do que o mínimo necessário. Ao fim da Segunda Guerra, sob impacto do bombardeio atômico a Hiroshima e Nagasaki, cientistas nucleares criaram o “relógio do fim do mundo”. A cada ano, avaliam os riscos da escalada armamentista e movimentam os ponteiros para mais longe ou mais perto da meia-noite, a hora fatal. No relógio da natureza, os ponteiros se movem por dinâmica própria. Nele, o tempo corre contra todos nós.



IRLAM ROCHA LIMA
irlam.rochabsb@gmail.com

Intérpretes icônicas

Desde Carmem Miranda, na década de 1940, as vozes femininas sempre estiveram em destaque no âmbito da Música Popular Brasileira. Nos anos seguintes, durante o período que foi considerado a era de ouro do rádio, outras grandes cantoras chamaram a atenção dos ouvintes, entre as quais Ângela Maria, Emilinha Borba, Marlene, Nora Ney, Ademilde Fonseca, Dircinha e Linda Batista e Elizeth Cardoso. Há dois finais de semana, durante estadia no Rio de Janeiro, tive o privilégio de assistir, no Teatro Claro Mais, em Copacabana, a um espetáculo memorável cujo título realçou outra representante daquela geração: *Minha Estrela Dalva*. No show Soraya Ravenle, nome da maior relevância na cena carioca dos musicais e protagonista do show, passeou pelo repertório de Dalva de Oliveira, ao interpretar clássicos como *Ave Maria no morro* (Herivelto Martins), *Bandeira Branca* (Laércio Alves e Max Nunes), *Errei, sim* (Ataulfo Alves), *Olhos verdes* (Vicente Paiva), *Vingança* (Lupicínio Rodrigues) e *Zum zum* (Paulo Soledade). No musical, com roteiro do ator Renato Borghi, *Ravenle* foi acompanhada pelo quarteto, formado por Nath Calan (bateria e percussão), Giancarlo Barletta (baixo), Gustavo Fiel (piano elétrico), William Guedes (violão) e Denise Ferrari (violoncelo). Ao término, ela e o grupo foram aplaudidos de pé pelos espectadores. Uma outra intérprete que desenvolve elogiado trabalho é a paulista Mônica Salmaso. Acaba de chegar às plataformas digitais, com *Senhora das Canções* — Um tributo a Elizeth. O álbum, lançado pela Biscoito Fino nas plataformas digitais, foi registrado ao vivo em estúdio num único dia.

A homenagem surgiu de uma visita de Salmaso à Casa do Choro, no Rio de Janeiro, onde se encontrou com a cavaquinista Luciana Rabello e o violonista Maurício Carrilho. Os dois atuaram ao lado de Elizeth na década de 1980. Do mergulho na extensa discografia, com um passeio pelos muitos caminhos musicais percorridos pela Divina (como a cantora era chamada), nasceu o repertório. A lista traz, por exemplo, sambas gravados por Elizeth na década de 1950, como *Seresteiro* (Raul Moreno, Renato Lima e Zé Kéti), *Violão vadio* (Baden Powell e Paulo Sérgio Pinheiro), *Sei lá Mangureira* (Paulinho da Viola e Hermínio Bello de Carvalho), *A mentira acaba* (Rui de Almeida e Arnô Provenzano), além de *Se as estrelas falassem*, de autoria da própria cantora. Juntam-se ao repertório canções que não foram gravadas por Elizeth, mas que dialogam com seu universo, como, por exemplo, *Deixa pra lá* (Dino e Meira), *Carta ao poeta* (Baden Powell e Paulo César Pinheiro) e *Nossa Senhora do Silêncio* (Maurício Carrilho). Para Salmaso, a escolha do repertório foi uma tarefa árdua diante da grandiosidade da discografia. Segundo ela, Elizeth deixou um acervo de canções icônicas de vários estilos. Depois do lançamento do álbum, Salmaso botou o pé na estrada com um show que estreou no dia 15 último em Belo Horizonte e depois seguiu para Porto Alegre. Ficamos na torcida para que o concerto venha a ser apresentado em Brasília. No dia 30 de novembro de 2022, ela esteve ao lado de Chico Buarque no show Que tal um samba?, que ocupou o palco do auditório master do Centro de Convenções Ulysses Guimarães, para plateia que superlotou aquele espaço.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Debate do Correio

O **Correio Braziliense** estende o tapete e o espaço, nesta terça-feira, para que candidatos ao Governo do Distrito Federal mostrem seus planos e ideias. A diretora de Redação, Ana Dubeux (Opinião, 30/08), recorda a vasta tradição do jornal em coberturas políticas, nacionais e locais. O título do artigo de Ana Dubeux enfatiza Não terceirize sua confiança, informe-se com qualidade!. Dubeux afirma que “verdade não tem viés”. A seu ver, o desafio é complexo, “porque há quem ouse mentir descaradamente em praça pública, fazendo da desinformação combustível e alimento”. A oportuna iniciativa do **Correio** não será em vão. Eleitores poderão tirar suas dúvidas e votar certo, com segurança e esperança nas urnas democráticas de outubro.

» **Vicente Limongi Netto**
Asa Sul

Mais promessas

A cada eleição assistimos ao mesmo desfile de promessas grandiosas. Agora, é a vez de falar em “Ministério da Inteligência Artificial”, como se criar a pasta fosse sinônimo de modernização automática. O país precisa de políticas que funcionem, gestão que entregue o que prometeu, e compromisso que dure mais que uma eleição. Se com a inteligência natural, que tem contato direto com o público, o Brasil continua enfrentando filas no SUS, crise hídrica, agro pressionado, empresas quebrando e infraestrutura precária, imagina com a inteligência artificial na qual o contato será comandado por algoritmos. Além disso, qual o percentual da população que vai ter condições de ter acesso à telemedicina, se os provedores de internet são caros? Dizer que os pacientes precisam ir a um posto de saúde para ter acesso a um médico por telemedicina seria uma brincadeira. Precisamos de menos promessas e mais resultados.

» **Pacelli M. Zahler**,
Sudoeste

Marketing da bola

A Premier League, a principal liga de futebol da Inglaterra, restringiu a presença de publicidade em locais de destaque nas camisas dos clubes, especialmente o chamado patrocínio master. As possibilidades de exposição de marcas ficam restritas às mangas das camisas, aos uniformes de treino e às placas de publicidade nos estádios. Seria um grande acerto da CBF adotar medidas semelhantes no futebol brasileiro, principalmente quando se trata de preservar o torcedor da exposição massiva à publicidade relacionada às apostas. O mesmo pode-se dizer das emissoras de televisão e streaming que inundam suas programações futebolísticas com anúncios das Bets. O futebol não pode se tornar uma ferramenta de estímulo nem a porta de entrada e a normalização do vício em jogos. É preciso colocar a proteção do torcedor acima dos interesses comerciais.

» **Marcus Aurelio de Carvalho**,
Santos (SP)

Pesquisa sucateada

O caso recente de um criador de conteúdo que revelou ser portador de uma doença rara e sem tratamento disponível, por absoluta escassez de financiamento

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Candidatos ao GDF se enfrentam no debate do **Correio**: por precaução, deixem uma UTI móvel e o Bope dentro do estúdio!

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Será que vai chegar a época em que o ser humano vai ter que trocar o dia pela noite por causa de tanto calor?

Marcos Figueira — Sudoeste

F-1 se desloca para Monza. No domingo, 6 de setembro, ocorre o Grande Prêmio da Itália de F-1, às 10h. Se for chover, que chova de mansinho...

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

científico, como relatado por um pesquisador universitário à imprensa, é apenas a face mais visível de um problema que corrói silenciosamente a ciência brasileira: enquanto males que atingem multidões mobilizam recursos globais em tempo recorde, enfermidades menos numerosas — e o conhecimento que poderia salvá-las — permanecem à margem, órfãs de verbas e de prioridade política. Esse descaso não é exceção, é regra; e se manifesta em laboratórios sucateados, bolsas de pesquisa cada vez mais defasadas diante do custo de vida, e um corpo docente universitário exausto, mal remunerado e desestimulado, obrigado a dividir seu tempo entre a vocação da pesquisa e a sobrevivência financeira. O resultado inevitável é a fuga de cérebros, o êxodo de nossos melhores talentos para países que oferecem estrutura, respeito e investimento condizentes com a importância estratégica da ciência, um ciclo perverso que empobrece o Brasil não apenas intelectualmente, mas também em sua capacidade de responder a crises futuras — sejam elas doenças raras, pandemias ou desafios ainda desconhecidos —, razão pela qual investir em ciência e em quem a produz não deveria ser tratado como despesa supérflua, mas como investimento essencial e urgente no próprio futuro do país.

» **Oswaldo Jesus Motta**
Rio de Janeiro (RJ)

Brasil do faz de conta

No Brasil da impunidade, da corrupção, dos penduricalhos, da insegurança jurídica e da economia fragilizada, a quadrilha dos malfeteiros que usaram e abusaram dos indefesos aposentados, que em sua maioria recebem o salário mínimo, continuam soltos e curtindo a vida. Ao longo dos anos, a tunga foi superior a R\$ 6 bilhões, o que equivale a 3 milhões 722 mil salários mínimos. Têm defensores ilustres que jogaram a CPMI do INSS para debaixo do tapete. Nada foi recuperado, ninguém foi preso, nem tornozeleira eletrônica usaram.

» **Humberto Schwartz Soares**,
Vila Velha (ES)

CORREIO BRAZILIENSE

*“Na quarta parte nova os caméos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”*
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*	
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM	
			R\$ 1.187,88	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES	
			(promocional)	
Assine				
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp				
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.				
Anuncie				
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp				
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp				

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61)99555.2586 Whatsapp.

ANJ WZ
associação
de jornais

Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS 

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.udapress.com.br